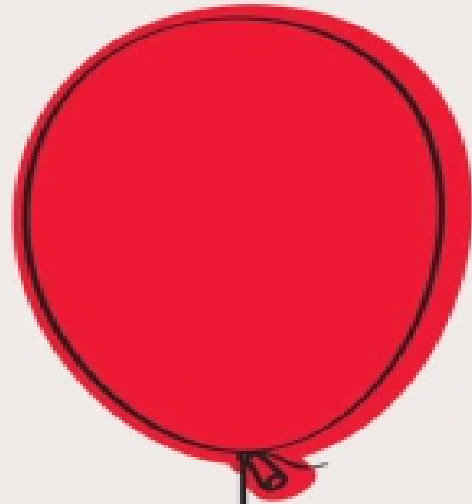


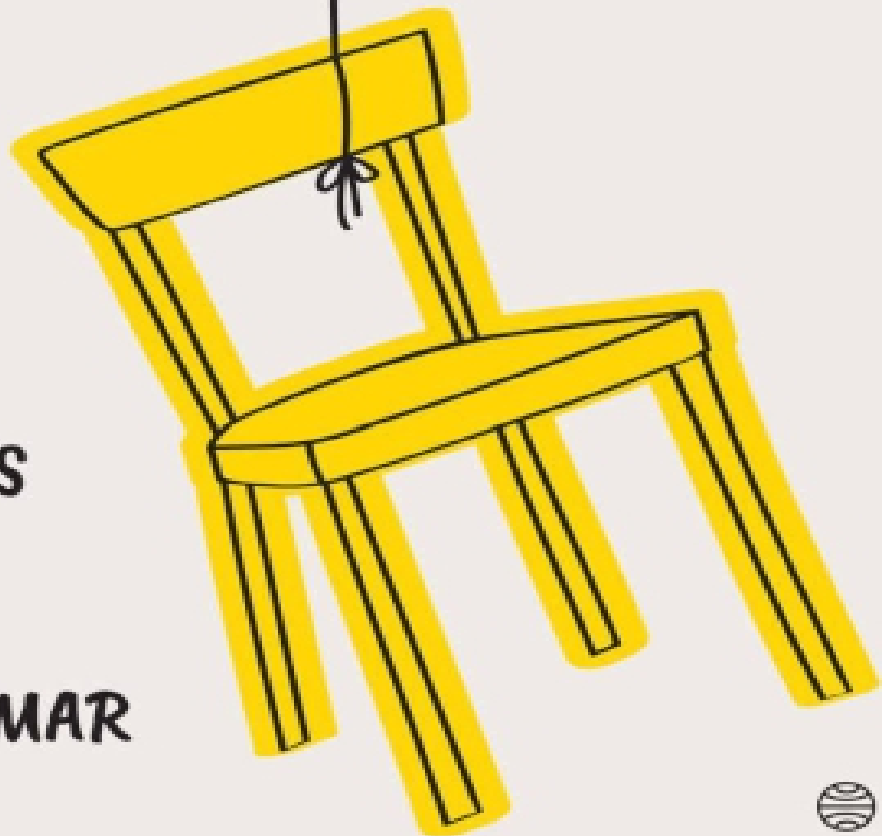
**Christian
Dunker**

**Cláudio
Thebas**



O PALHAÇO E O PSICANALISTA

**COMO
ESCUTAR OS
OUTROS
PODE
TRANSFORMAR
VIDAS**



 Planeta

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

O PALHAÇO E O PSICANALISTA

**Christian
Dunker**

**Cláudio
Thebas**

O PALHAÇO E O PSICANALISTA

**COMO ESCUTAR OS OUTROS
PODE TRANSFORMAR VIDAS**

Copyright © Christian Dunker, 2019
Copyright © Cláudio Thebas, 2019
Todos os direitos reservados.

Preparação: Juliana de A. Rodrigues
Revisão: Thiago Fraga, Diego Franco Gonçalves e Project Nine Editorial
Diagramação: Triall Editorial Ltda
Ilustrações de miolo: Alexandre Santos e Shutterstock
Capa: Filipa Pinto e Eduardo Foresti
Adaptação para eBook: [Hondana](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dunker, Christian
O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas / Christian Dunker, Cláudio Thebas. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
256 p.

ISBN: 978-85-422-1638-7

1. Escuta (Psicologia) 2. Comunicação 3. Relações humanas 4. Empatia I. Título II. Thebas, Cláudio

19-0591 CDD 153.68

Índice para catálogo sistemático:

1. Escuta (Psicologia)

2019
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986 - 4º andar - Consolação
São Paulo - SP - CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Dedicatória do palhaço

Para meus pais, Ignez e Nelson Thebas,
que sempre nos ensinaram a escutar
com o coração.

Dedicatória do psicanalista

Minha mãe faleceu há três anos. Se
neste livro há algo da alegria que ela
me passou é porque foi feita da tristeza
e da saudade que sua partida criou.

Sumário

SOBRE ESCREVER O PREFÁCIO DE UM LIVRO SOBRE ESCUTA
PREÂMBULO

O COMEÇO: VERSÃO DO PALHAÇO

O COMEÇO: VERSÃO DO PSICANALISTA

APRENDENDO A ESCUTAR

A MARGINALIDADE DOS PALHAÇOS

A IMPLICAÇÃO DOS PSICANALISTAS

“DEPOIS QUE A GENTE BRINCA, A GENTE FICA AMIGO”

A ESCUTA LÚDICA COMO JOGO DE LINGUAGEM

O PACTO DA ESCUTA HOSPITALEIRA

O HOSPITAL DA ESCUTA VIAJANTE

A ESCUTA QUE CURA E O TEATRO DA LOUCURA

A ESCUTA HOSPEDEIRA

DIÁLOGO, ELOGIO OU JULGAMENTO

POR QUE O SAPATO DO PALHAÇO É GRANDE?

SETE REGRAS PARA SER MELHOR ESCUTADO

CASO CLÍNICO: O FALSO VULNERÁVEL E O SEU PIT BULL DE
ESTIMAÇÃO

OS QUATRO “AGÁS” DA ESCUTA

A POTÊNCIA DO SILÊNCIO

SIMPATIA NÃO É EMPATIA

COMO CONSTRUIR PARA SI UM ÓRGÃO DE ESCUTA

CAFÉ COM URSO OU SEM URSO?

ENCRENCA, LOGO OPORTUNIDADE

CUIDADO OU CONTROLE?

NADA COMO UM DOBERMANN PARA QUE EU FAÇA TUDO
MELHOR

A ARTE CAVALHEIRISCA DE ESCUTAR UMA REUNIÃO
FUNÇÕES DA LINGUAGEM E LUGARES DE ESCUTA
O TÁXI DO PSICANALISTA
EDUCADOS PARA A SOLIDÃO SILENCIOSA
COMPETIR OU COOPERAR?
TRÊS PERGUNTAS MÁGICAS
SETE ESCUTAS DA LÍNGUA TUPI
A ARTE DE PERGUNTAR
FALA QUE EU NÃO TE ESCUTO
SETE, TRINTA E OITO, CINQUENTA E CINCO (7-38-55)
“BRINCO, LOGO ESCUTO”: A ESCUTA LÚDICA
O RELÓGIO DO PAI
ESCUTANDO PELA PRIMEIRA VEZ
OS QUATRO TEMPOS DA ESCUTA LÚDICA
A ABOMINÁVEL ARTE DE NÃO ESCUTAR OS OUTROS
MANEIRAS PRÁTICAS DE DOMESTICAR O ABOMINÁVEL QUE
EXISTE EM VOCÊ
ESCUTANDO CLASSES, GÊNEROS, RAÇAS E OUTRAS
DIVERSIDADES
A ESCUTA EM AMBIENTE DIGITAL
ESCUTANDO CHATOS, FASCISTAS E OUTROS FANÁTICOS
O LÍDER ESCUTADOR
A CORAGEM E O DESEJO DE ESCUTAR
TEORIA DA ESCUTA
VOCÊ HOSPEDEIRO
AGRADECIMENTOS
POSFÁCIO

Sobre escrever o prefácio de um livro sobre escuta

Fui gentilmente convidada a escrever o prefácio do livro *O palhaço e o psicanalista* de Christian Dunker e de Cláudio Thebas. Logo me coloco naquela posição de que esta é uma tarefa grande demais, que não saberei o que escrever até chegar o dia em que os editores não puderem mais esperar. Pois é, este dia chegou... nasceu um sol maravilhoso, estou aproveitando meu último dia de férias e, sentada em um bote inflável, de frente para o mar, *laptop* no colo (onde ele sempre deveria estar, já que tem este nome...), me proponho a escrever.

Li o livro aos bocados. E acho que você que agora me lê, o fará assim também. Logo no começo, os escritores [autores] nos fazem uma provocação... escrevem como dois escritores distintos, mas, ao final da leitura, não podemos mais saber onde escreve um, onde pensa outro. No meu caso, sem dar nenhum tipo de *spoiler*, adianto que isso não funcionou. Conheço bem demais os autores para me deixar enganar por esse truque.

Também no início do livro, eles contam, cada um a seu modo, como se conheceram. Nessa hora, fico pensando... é real a ideia de que todos os fatos têm mais de uma versão. Cada um trouxe a sua e eu tenho a minha, que é a verdadeira, é claro!

“Quando você escuta os sussurros que a vida dá, ela te presenteia.”

Desde que conheci Thebas, a cada palavra que ele falava, a cada questão incrível que ele me trazia, a cada jeito de aprofundar a conversa, sem deixá-la chata e obscura, eu pensava: *Christian precisava conhecer esta pessoa...*

É, de novo eu tinha razão!

A escuta do palhaço e a escuta do psicanalista são fundamentais para entendermos como se dão as relações humanas. A escuta que se dá por outras vias, que não se confunde com o que se passa exclusivamente no ouvido. E a orelha amplifica... amplifica o som para ouvirmos melhor. E eu, aqui, fazendo o papel da orelha... amplificando a escuta que, de uma forma ou outra, consegui produzir em meus encontros com cada um.

O dia vai passando e o sol me faz lembrar de que tenho corpo, que sou mais do que orelha e que... me queimo. Mudo de bote e sento-me à sombra.

Sigo lendo o livro e vou me deparando com modos diferentes de se pensar sobre as relações com desconhecidos, as que se dão entre amigos, entre amantes, entre colegas de trabalho e entre esposos. Reconheço-me em muitos deles... entendo outros tantos que antes não tinha sido capaz de escutar. Às vezes, precisamos do texto para que a escuta se dê.

Agora sei por que meu marido vez ou outra fecha a cara quando está lavando a louça... é, não tem nada a ver com o fato de eu ter falado a ele que deveria fazê-lo, claro! É apenas o homem das cavernas...

Penso também sobre meu papel de educadora, de diretora de escola e de empresária. Tantas denominações diferentes para quem mergulha no trabalho, cotidiana e apaixonadamente, sem sequer lembrar-se de que se formou também para a escuta. Sou psicóloga de formação, e escutadeira em geral. Crio todo dia modos diferentes de

trabalhar e sinto que o dia foi bom quando consegui ter ao menos um bom encontro. A escola também se faz de encontros todo o tempo, assim como o consultório, o picadeiro ou a rua.

Que tipo de liderança será que eu exerço? Sonho com o dia em que eu puder sentir que exerço meu papel de liderança como os líderes descritos no livro:

“(...) que conseguem colocar no centro de sua experiência com o outro uma espécie de não saber. É porque eles não sabem exatamente como agir que se orientam para pedir ajuda, que criam grupos de trabalho para si, aos quais respeitam genuinamente, pois sabem que dependem de cada qual para chegar a algum lugar. Um líder escutador tem por contraste o líder que fala, o condutor e maestro que com seus longos discursos e com sua atitude em geral controladora dirige as pessoas, mas não dirige o processo.”

Como criar um ambiente onde crianças e adolescentes e professores possam ver sua voz circular, possam escutar e ser escutados em seus encontros, uns com outros e com o conhecimento? Escutar vez ou outra parece ter a ver também com aquela sensação de que, ao nos depararmos insistentemente com alguma explicação, ou com a reflexão sobre uma boa pergunta, de repente temos um estalo. Bingo! Agora entendi! Algo da escuta se deu aí.

E como criar um ambiente onde os invisíveis tenham voz e sejam escutados? Penso que conseguimos isso um pouquinho a cada dia. Nossos alunos e alunas saem da escola sabendo que cuidar do outro é muito mais do que dar bom dia para o porteiro. É relacionar-se com ele de fato, é escutá-lo vez ou outra e contar com seu olhar também educativo dentro da escola. Isso é um orgulho!

Mas falta, falta sempre... O desafio de trazer para perto aqueles que trabalham numa empresa é muito maior do que os nomes que damos a seu grupo. Empregados, funcionários, equipe e colaboradores são palavras que, como está bem dito no livro, precisam de maior atenção. Cada uma delas aponta para um aspecto da relação entre pessoas e instituições. Cada uma tem seu ponto forte e ponto fraco. Precisamos garantir que estes pontos circulem,

que a colaboração seja de verdade, por conta de uma sensação de pertencimento ao projeto, mas que também não deixe a impressão de que quem colabora está de passagem... O projeto é de quem está, é permanente! *Empregado* é aquele que tem um emprego, portanto tem direitos e deveres de todos os trabalhadores. O *funcionário* que funciona pode ser um bom colaborador, mas precisa se reconhecer ali. O termo *equipe* parece borrar vez ou outra as diferenças. Há que se lembrar sempre de que equipes são constituídas de indivíduos singulares e lidar com essas diferenças é um enorme desafio. Ora, pois, as relações de trabalho não são simples mesmo, assim como não é a lida com as diferenças, mas, fazê-las avançar, produzir movimento, é o que pode transformar a vida do trabalho numa vida interessante, assim como a análise pode ajudar a dar movimento à vida do analisante.

Os tempos em que vivemos precisam de maior cuidado. Como dizem os autores, “Quem escuta se faz testemunha e portador de um patrimônio que, no fundo, poderia ser de todos nós e que alguns chamam de cultura, outros, de memória coletiva[...]”.

Precisamos de embaixadores dessa escuta, como Christian e Thebas, que nos ajudam a tornar comum o que é de cada um, para que possamos fazer circular palavras e afetos, produzindo grandes encontros, como este que eu orgulhosamente posso dizer que produzi.

Boa leitura e belos encontros.

ANA CRISTINA DUNKER

Diretora da Escola Carandá Vivavida,
esposa do Christian e amiga do Thebas

Preâmbulo

A gente nunca soube de um casamento que tenha acabado porque ela não tinha ideia de onde ficava Trinidad e Tobago, o cara se atrapalhava ao cortar cebolas ou um dos dois não sabia trocar o pneu do carro. Esse tipo de coisa a gente já fica sabendo no primeiro mês de namoro. Da mesma forma, nas empresas, grande parte das promoções ou demissões não se dá por competências ou incompetências técnicas. Isso se descobre no currículo, na entrevista ou no período de experiência. O bicho pega mesmo é no relacionamento. E relacionamentos são feitos de palavras e encontros.

Infelizmente ainda são poucas as escolas que consideram que preparar alguém para a vida ou para o mercado de trabalho é muito mais do que ensinar matemática, português ou geografia. Todo e qualquer conteúdo que aprendemos vem junto com uma forma de escutar e de dizer. E é dessa forma - você vai ver neste livro - que ainda aprendemos que escutar é obedecer e falar é mandar. Assim forma-se o conceito "quem sabe fala, quem não sabe escuta". Como se escutar fosse próprio do lugar do subalterno. O resultado desse despreparo nós vemos todos os dias. Uma sociedade individualista, competitiva ao extremo e com enormes dificuldades de convívio harmônico. Essas

dificuldades desmoronam casamentos, detonam a vida no trabalho e minam os melhores projetos e intenções.

Maridos e esposas, companheiros e camaradas, filhos e pais, colegas e colaboradores, clientes e fornecedores, parceiros e *brothers*: todas essas palavras formaram-se junto com o que significa “escutar”. Expectativas de expressão, de ocupação de lugares de fala, de autorização e valorização da palavra, definem a cooperação ou o antagonismo, a convivência ou intolerância. O desejo genuíno de aprender *como escutar os outros* e de aprender isso *com o outro* é um ponto de partida ético fundamental para qualquer forma de vida que se considere comum, mas é também o ganha-pão e o modo de vida de dois personagens que se encontraram neste livro: o psicanalista, que passa o dia a escutar o sofrimento e os desejos dos outros e o palhaço, que dedica sua existência a nos fazer escutar de outra forma a comédia e a tragédia humanas.

Muitas pessoas sentem-se perdidas quando descobrem a complexidade e a importância de escutar o outro. Às vezes, isso adquire contornos dramáticos, quando uma avaliação profissional aponta essa dificuldade como um sério empecilho para a carreira de alguém, ou quando a esposa ou o marido bate à porta com a separação iminente.

A vida em ambientes onde pessoas não se escutam torna-se gradualmente insalubre, chata e um fermento permanente para agressividade. Encontros familiares, funcionamentos institucionais de grupo ou de massa, além de plataformas digitais são particularmente vulneráveis ao fracasso da escuta. Isso acontece porque, em geral, ninguém quer abrir mão de sua posição e vai, para tanto, confirmando a posição correlata do outro, que justifica e solidifica lugares e argumentos.

Em vez de entrar com cuidado na casa alheia, pedindo permissão e perguntando, nos colocamos de forma arrogante, impondo nosso mundo e nossos valores. Como agimos assim, autorizamos o outro a fazer isso também. Porta que abre para um lado abre para o outro. Portanto passamos a nos defender e colocar palavras na boca das pessoas. Insistimos em criticar, menosprezar e atacar o outro, por meio de uma comunicação violenta e que ignora solenemente o ponto de vista alheio. Isso ocorre em uma espécie de crescente. Primeiro perdemos a polidez, depois a etiqueta, em seguida o cuidado com o outro. Finalmente estamos esbravejando coisas imorais sem nos darmos conta. O que obviamente dá razão e justificativa para que façam o mesmo conosco.

Cedo ou tarde, estão os dois lados gritando que foi o outro quem começou e um dizendo que o outro o incitou a fazer o que está fazendo. O fenômeno coletivo da “desescutação” mútua sempre se baseia no sentimento de que cada lado está “apenas” reagindo ao outro. Assim que se criam os novos familiares, amorosos e laborais, que se reproduzem por si mesmos, indefinidamente. O espelho está para o narcisismo assim como o eco está para a “desescutação”.

Livros sobre escuta surgem nesse cenário como manuais que servem apenas a quem não precisa mais deles. Esperamos que este livro ajude você a valorizar a importância da escuta como um tratamento social e psicológico dos conflitos, mas também como uma forma de tornar a experiência humana mais rica e interessante.

1 O começo: versão do palhaço

Eu não sei dizer nada por dizer, então eu escuto...
SECOS E MOLHADOS, "Fala", 1973.

Tudo começou com três convites, um susto, e três "sins".

O primeiro convite foi meu para o Christian. Na verdade, um convite coletivo. Sou coordenador de um projeto chamado Escola dos Pais, que se dedica a elaborar e compartilhar experiência de mães e pais no contexto da educação de seus filhos. Falando sobre desafios, alegrias e angústias que envolvem maternidade e paternidade, chegamos a uma etapa na qual convidamos um especialista para nos ajudar a escutar as inquietações do grupo naquele momento. Logo surgiu um nome: Christian Dunker.

Eu já tinha ouvido falar dele, sabia que era psicanalista e tal, mas, agora que ele seria nosso convidado, tratei de pesquisá-lo na internet. Encontrei várias entrevistas, artigos, teses, mas uma coisa me surpreendeu: ele tinha um canal no YouTube. *Mundo moderno*, pensei. A primeira coisa que me chamou atenção, ainda antes de assistir a qualquer

vídeo, foi a quantidade de *views*. Achei curioso um canal de psicanálise ter tantos acessos. Pensei: *Ou o mundo tem muito psicanalista ou tem muita gente precisando*. Ou os dois. Cliquei para assistir a um dos vídeos e fiquei surpreso. Não tinha ninguém deitado num divã com uma caixinha de lenços ao lado. Não era chato como eu julguei que pudesse ser, nem acadêmico, nem muito cabeçudo. Nada disso. Só o Christian falando para a câmera. Melhor: ele falava de temas complexos, profundos, filosóficos... e eu entendia! Estava claro agora o porquê do sucesso: os vídeos eram para todo mundo. Tipo papo de bar, só que em vez de falar do Neymar ou do Cristiano Ronaldo, ele falava de outros caras: Freud, Lacan, Sartre, Sócrates, o filósofo, mas bem que podia ser o jogador, tamanha a informalidade da abordagem. Falava de um jeito que era possível escutar sem se sentir numa sala de aula. Virei fã e mais um número na contagem de *views*.

Alguns dias depois, veio o primeiro dos três “sins”: ele tinha topado ir ao nosso encontro. Fácil assim. Ficamos muito felizes. Os dias se arrastaram até que finalmente chegou aquela noite. Estávamos todos excitados, falando pelos cotovelos, arrumando tudo muito bonitinho, parecendo crianças aguardando o Papai Noel. Na hora combinada, avisaram-me que ele tinha chegado. Coração pulou. Eu tinha virado fã do cara e agora ele estava ali, prestes a falar comigo. Vesti minha cara de anfitrião e fui recebê-lo. Prazer, boa noite, bem-vindo, essas coisas que todos esperam escutar e dizer nesse tipo de encontro. Rompendo minha timidez e sem fazer rodeios, ele disparou: “*Caaaara!* Gosto muito do seu trabalho, topa dar um curso comigo na Casa do Saber?”.

Foi exatamente assim, de repente, sem preliminares.

Entrei na *vibe*. Iguamente rápido e sem pestanejar, respondi ao segundo convite com um segundo sim: “Claro! Quando? Ah!... Sobre o quê?”.

Um mês depois, estávamos lá, falando sobre “Como escutar os outros”, tema que definimos ainda naquela primeira noite. O curso foi bacana e divertido, aparentemente para nós dois. Mas o susto aconteceu bem no finalzinho do encontro, quando já estávamos nos despedindo dos participantes. Empolgado com a receptividade da pequena plateia, o Christian anunciou: “Nós vamos lançar um livro juntos!”.

Tive a impressão de que se fez uma breve pausa no tempo. Mas acho que foi no meu cérebro. Apenas assenti com a cabeça como se eu soubesse daquilo havia séculos. Alguns minutos depois, enquanto a gente tomava a primeira margarita da minha vida (e também a última, espero), eu lasquei o terceiro sim deste começo:

“Christian, vou começar a escrever amanhã mesmo. Tem ideia de como o livro pode chamar?”.

2 O começo: versão do psicanalista

Um exercício Zen tem relação com a realização subjetiva de um vazio. Às vezes se realiza por meio de uma palavra, de uma frase, uma zombaria, um pontapé na bunda. É certo que essas espécies de pantalonadas ou palhaçadas somente fazem sentido com relação a uma longa preparação subjetiva [...]

JACQUES LACAN, *O Seminário, Livro XIII: O objeto da psicanálise*, 1965

No começo dos anos 2000, uma companhia de teatro fez a nossa cabeça com uma ideia muito simples e irresistível. Eles pegavam brincadeiras, dessas que fazíamos quando criança, e aplicavam diretamente em escala de massa em um auditório lotado, digamos por quinhentas pessoas. Gente correndo pelas alamedas, subindo nas cadeias, descendo e subindo ao palco, às vezes divididos em grupos ou com cartazes envolvendo manifestação interativa em ato, com uma sensação bizarra de falta de roteiro. O grupo

chamava Jogando no Quintal e não havia quem não se espantasse com a força da simplicidade do esquema proposto.

Aconteciam coisas incríveis sem ensaio, envolvendo, por exemplo, perguntar algo a algum anônimo na plateia e, logo em seguida, desenvolver uma tirada inesperada que não podia ter sido ensaiada. A coisa emanava na hora, era improvisação pura. Eu estava começando a dar aula de Clínica e Psicoterapia e acompanhava meus primeiros alunos em seus primeiros contatos com pacientes. Achava difícil explicar para eles como a gente adquire essa habilidade de escutar em tempo real, de arriscar com palavras, acolhendo e devolvendo o que a pessoa diz de forma a ajudá-la a se escutar melhor. Saí daquele quintal com a convicção de que tinha que tornar aquela peça obrigatória para eles.

Contato e improvisação, *clown*, peças no porão escuro da Pinacoteca do Estado ou então em uma sala de jantar de um semiteatro, no bairro do Bixiga ou na praça Roosevelt, dos Sátiros ou Parlapatões, estavam começando a se notabilizar pela cidade. Cláudio Thebas era um dos caras do Jogando no Quintal. Foi assim que meus amigos do mundo das editoras de livros infantis me falaram dele quando faturou um prêmio de literatura infantil.

Em outubro de 2017, quando nos preparávamos para fazer uma intervenção de escuta junto aos refugiados da construção da barragem de Belo Monte, espalhados pela cidade de Altamira, no Pará, alguém me falou de um grupo de palhaços paulistanos que havia feito o mesmo em 2011, quando a região serrana do Rio de Janeiro foi seriamente atingida pelas chuvas, deixando milhares de vítimas. O grupo se chamava *Forças Amadas* (sem r). E quem era um dos integrantes do grupo? Ele de novo, o tal do Cláudio Thebas. Pensei em contatá-lo para que ele pudesse me contar como havia sido a experiência, mas o corre-corre

movido a urgências acabou impedindo que isso acontecesse.

Seis meses depois, cheguei em casa, vindo da Universidade de São Paulo (USP), em um daqueles dias que parece que instalaram uma colmeia de abelhas na sua cabeça. Um desses começos de noite em que você se lembra de Tom Wolfe narrando a ressaca do protagonista em *Fogueira das vaidades*. Seu cérebro foi serrado ao meio e substituído por uma rede de circuitos dando mau contato e com o disjuntor desligado. Dentro da sua cabeça há uma lava movente e no centro um ovo frito boiando. Cada vez que o ovo toca em uma das bordas, você toma um choque elétrico. Quando fica quietinho, a lava lá dentro se mexe, avisando que tem vida própria.

É uma hora perigosa para o casal. Desrespeitando avisos de “obras” e “mantenha distância”, ela veio com aquela conversa de trivela. “Sabe aquele grupo que eu te falei lá da escola?” Eu devia saber, mas obviamente não me lembrava. Confessar ou mentir? Tentar empate técnico: “Humm”. A bola passou. “Então, os pais estão conversando sobre paternidade... maternidade, é superlegal, você não acha?” Porteira que passa um boi, passa uma boiada. Mandei outro “Humm”. A bola passou de novo. Desta vez, começou um novelo de palavras e as abelhas começaram a entrar em eletrocussão voluntária com o ovo flutuante. Passei para a fase prática de leitura labial e as palavras dela viravam trilha sonora. Então veio o cruzado de esquerda bem no fígado: “Então, topa ir lá falar com eles?”. Quase caí da cadeira: “Mas justo eu?”. Ganhar tempo e se recompor é importante nessa hora. Veio a notícia fulminante: “É você, lá com o... Cláudio Thebas!”.

Foi a senha para a derrocada final e o massacre do Homem das Cavernas: “Mas como assim? Como que você nunca me disse que o Cláudio Thebas trabalha na sua escola?”.

Cinco semanas depois, eu batia o olho no tal Pokémon Lendário e na hora percebi por que o sujeito sabia fazer o que eu achava que ele sabia fazer: escutar. Tinha pais, bolo e biscoito, gente legal por todo lado, mas o cara era craque. Eu meio “serião” e ele “zoando” na rebatida. Branco e Augusto,^[1] Dedé e Didi, o Gordo e o Magro, um clássico da arte da comédia.

Quando você se sente escutado, você quer mais. E quando você acha que escuta, o outro quer mais também. Quando essas duas coisas acontecem, eu tenho para mim uma regra: avance para a próxima casa, mesmo que isso seja imprudente. Sou meio impulsivo na escuta e isso nem sempre me ajuda como psicanalista. Coloquei a ideia de darmos um curso juntos. Vi aquele olhar dele 90% em letras amarelas piscando “Mentiroso, diz isso para me agradar”. Mas vi também os 10% verdes dizendo: “Será mesmo que tem outro louco como eu por aí?”. O curso rolou e rolou mesmo. Sem muito preparo ou roteiro, mas ficou bom e o principal foi: brincando, a gente se entendeu. Fiquei intrigado com isso. O que é que nós sabíamos fazer sem saber direito como é que fazíamos? Resolvi dobrar a aposta e tentar descobrir o que sabíamos fazer de tão parecido na arte da escuta. Tinha algumas coisas óbvias: foco no outro, atenção ao tempo, cuidado com as palavras, inversão de perspectivas e violação calculada de expectativas. Mas o principal não estava claro.

E assim começou este livro.

No momento em que ele estava quase pronto, testamos a fórmula na inauguração do teatro na Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM). Ali, eu estava jogando fora de casa. Era um palco de verdade, com umas 300 pessoas e nós de novo, sem roteiro e com o livro descosturado na cabeça. Na verdade, íamos testar o livro para ver se ele ficava de pé mesmo. Ali também aprendi que, quando a gente se escuta, surge uma espécie de confiança que faz da experiência de estar junto o centro de

gravidade da história. A situação de vulnerabilidade ajuda muito a confiar no outro e torna a escuta mais aguda e decisiva. É assim também que o desejo de transmitir a escuta torna-se a tentativa de incluir mais gente na brincadeira.

Nunca me esquecerei do comentário de uma ex-aluna, que estava na plateia e, por coincidência, depois do curso de psicologia, havia se tornado atriz profissional e palhaça: “Chris, está tudo ótimo, funciona, mas na boa... o Thebas é melhor psicanalista do que você é palhaço”. Fui para casa pensando: *Acho que ela tem razão. Preciso ser mais palhaço para me tornar melhor psicanalista.* É o que estou aqui tentando.

3 **Aprendendo a escutar**

Se de médico e louco todo mundo tem um pouco, de psicanalista e palhaço todo mundo tem um pedaço.

Um lado, associado ao psicanalista, de bom ouvinte, inteligente e conselheiro e o outro, mais bocó e amigo, que costuma aparecer inesperadamente fazendo rir sem que se saiba direito por quê.

Este livro resulta do encontro entre esses dois lados disparatados de olhar para o mesmo problema: como escutar os outros? Depois do encontro na Carandá Vivavida e na Casa do Saber, passamos a nos encontrar periodicamente, sem margaritas, mas com algumas garrafas de vinho. Reconfirmamos a ideia inicial de que a parte do psicanalista no palhaço e a parte palhaço do psicanalista têm em comum praticar a escuta como uma espécie de brincadeira séria que transforma as pessoas. É isso que chamamos de escuta lúdica, que consideramos como uma antessala para a escuta empática. Apoiamos nisso nossas pesquisas ao longo de anos de convivência e encontros com pais, alunos, empresários, pacientes e público, de teatro de rua e psicanalítico em geral. Somos ambos escutadores profissionais. Escuta é nosso ganha-pão cotidiano. Nossas trajetórias nos tornaram faladores,

palestrantes e escritores, mas a arte comum que praticamos é muito mais a da escuta. A escuta das pessoas em seus mundos, em meio à alegria e miséria, passando do sofrimento para a capacidade de mudar o mundo e a nós mesmos. Freud, pai da psicanálise, dizia que ela é a arte de transformar o sofrimento neurótico em miséria ordinária; e um bobo da corte, pai de todos os palhaços, poderia dizer que a arte do palhaço é transformar a miséria ordinária em preciosa experiência de vida.

Escutar com qualidade é algo que se aprende. Depende de alguma técnica e exercício, mas também, e principalmente, de abertura e experimentação. É uma arte difícil de dominar porque seus efeitos visíveis acontecem no outro em tempo real e segundo as leis do improviso: o riso, a metamorfose do humor, a mudança de atitude com relação a si mesmo, ao mundo e aos outros. O escutador está interessado em produzir esses efeitos no outro, no nosso caso, analisantes em particular e o público em geral. Certa vez, perguntei ao meu filho de 9 anos o que ele queria ser quando crescer e ele me disse que queria criar uma escola para ensinar as pessoas a contar piada e a encontrar graça na escola. De fato, na escola não se ensina como modular o humor, como criar alterações nos estados de espírito ou o que Freud chamava de técnica do chiste. São Tomás de Aquino disse que, se você quer entender o que são metáforas e alegorias, não procure nos livros, vá a uma feira livre. É, portanto, ouvindo as pessoas no mercado, com suas vozes e confusões criativas, assim como pela observação de como as pessoas contam piadas, que aprendemos a escutar o outro.

Palhaços e psicanalistas concordam que a arte da escuta do outro começa pela possibilidade de escutar a si mesmo. Chatos e neuróticos são caracterizados pela pouca atenção às suas próprias palavras, daí o desprezo ou a indiferença pelos efeitos que elas causam nos outros. Chatos e arrogantes sempre colocam o que eles queriam

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O palhaço e o psicanalista"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).